

O JAPÃO VEM AÍ

A missão dos 20 bilhões de dólares já está em Brasília

Vinte e cinco altos executivos definidos por assessores do Ministério do Planejamento como respeitáveis “pesos-pesados da economia japonesa” passaram o dia de ontem em Brasília, discutindo com ministros e funcionários do governo as oportunidades de investimento no Brasil. O setor privado japonês tem vinte bilhões de dólares para aplicar em países do Terceiro Mundo, disse o líder do grupo, o ex-vice-ministro das Finanças do Japão, Tomomitsu Oba, ao ministro do Planejamento, Aníbal Teixeira. Os visitantes — representantes de instituições e empresas japonesas — estiveram no México antes de vir ao Brasil, e irão ainda à Argentina e à Venezuela.

No Ministério da Fazenda, a missão recebeu tratamento especial. Oba explicou ao ministro Bresser Pereira — com quem almoçou — que os bancos japoneses estão mudando sua maneira de encarar as aplicações no Terceiro Mundo: agora, preferem financiar investimentos de empresas japonesas e fazer empréstimos diretos. Oba e seus companheiros de missão ouviram do principal assessor de Bresser, Yoshiaki Nakano, uma exposição sobre a nova versão do Plano de Controle Macroeconômico, que está sendo anunciado oficialmente hoje.

Na reunião com Nakano, Oba deu a entender o motivo da mudança dos japoneses: os empréstimos diretos, como os que foram feitos recentemente ao México e à Argentina, já estão sendo reescalados antes mesmo de começar a dar retorno. Os empresários japoneses demonstraram interesse especialmente em dois pontos, na discussão com Nakano: quais as medidas concretas de retomada e manutenção do crescimento econômico que o governo brasileiro está adotando e quais os balizamentos institucionais para o capital estrangeiro no Brasil (especialmente questões como a reserva de mercado e a possibilidade de participação na privatização de empresas estatais)?

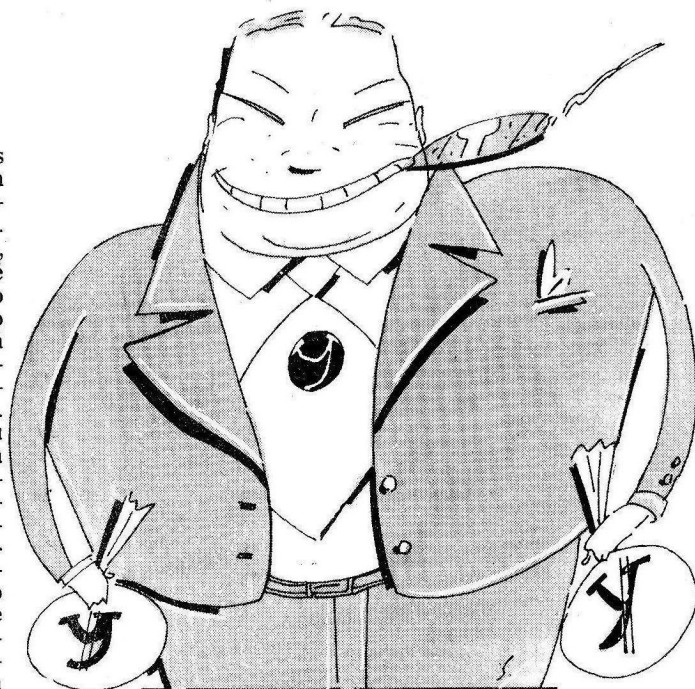
Com Aníbal Teixeira, o assunto principal foi a conversão da dívida externa em investimentos, segundo a assessoria de Imprensa da Seplan. Teixeira lembrou que há setores estratégicos da economia fechados

ao capital estrangeiro: os japoneses descartaram qualquer interesse em converter parcelas dos juros. Conversão, só do principal, disseram eles — e isso é exatamente o contrário do que o governo brasileiro quer. O principal não está sendo pago desde 1982. Logo, o que interessa é converter juros, diz o governo. (Tomomitsu Oba esclareceu no Ministério da Fazenda que esta missão patrocinada por uma fundação de estudos econômicos e administrativos, o **Japan Productivity Center**, não tem nenhuma relação direta com o anunciado Plano Nakasone de ajuda aos países devedores, uma iniciativa do governo; a missão que está em Brasília tem como objetivo avaliar a potencialidade de investimentos privados, financiados pelas instituições representadas na comitiva.)

Com Sodré

Os visitantes também se reuniram com o chanceler Abreu Sodré, que garantiu: não conversou com os japoneses sobre as condições para a liberação dos empréstimos. “Eu apenas disse a eles que a maior parte desses bilhões de dólares poderia ser destinada ao Brasil, não pelo tamanho da nossa dívida externa, mas pelas grandes potencialidades que ofereceremos ao capital japonês”, explicou.

O economista José Augusto Arantes Savasini, diretor econômico do Banco Noroeste e ex-secretário do Planejamento da Seplan, acredita na oferta japonesa para financiar o desenvolvimento, a partir do interesse do país de evitar uma recessão a nível mundial e manter o comércio internacional. O Japão, segundo ele, “não faz isso de graça, precisa de compradores para seus produ-



tos”. O Brasil, acrescentou, pode receber dinheiro japonês, mais isso só será possível após um acordo com o Fundo Monetário Internacional, o que é uma condição japonesa. E os recursos poderão fluir pelo Banco Mundial.

Savasini acredita, entretanto, que os bancos japoneses não foram bem tratados pelo Brasil. O resultado é que tiveram de lançar como prejuízo os juros não pagos por conta da moratória e vencidos há mais de seis meses.

— Não há boa vontade com o Brasil — comentou o economista.

Mas, pondera Savasini, o País interessa ao Japão como fornecedor de matéria-prima. E é a partir daí que os recursos japoneses poderão vir.

Entre os integrantes da missão japonesa estão representantes dos bancos Dai-Ichi Kangyo, Sumitomo, Fuji e Sanwa — alguns dos maiores do Japão — e enviados de empresas com interesses no Brasil, como a Nippon Steel e a Kawasaki Steel. Eles estiveram também com o presidente José Sarney, em visita protocolar.